

31,9 milhões de brasileiros subiram de classe social em cinco anos

O Brasil foi palco de intensa mobilidade social entre 2003 e 2008, com 31,9 milhões de pessoas subindo degraus na pirâmide, especialmente a partir da classe média, em direção às classes mais altas, A, B e C. Os dados foram compilados pelo Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas a partir do resultado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2008, divulgado na semana passada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com o pesquisador Marcelo Neri, a ascensão da classe média deveu-se basicamente ao fator trabalho e renda. O potencial de geração de renda familiar cresceu neste período 28,32%, bem mais do que o crescimento de 14,98% do potencial de consumo. **PÁGINA 11**



Marcelo Neri disse que a ascensão da classe média deveu-se ao fator trabalho e renda

31 milhões de pessoas subiram de classe social nos últimos 5 anos

Cerca de 31 milhões de brasileiros subiram de classe social entre os anos de 2003 e 2008. Entre eles, 19,4 milhões deixaram a classe E, que traça a linha da pobreza no País, tendo a renda domiciliar inferior a R\$ 768,00; e outros 1,5 milhão saíram da classe D (de R\$ 768,00 a 1.114,00). Com isso, houve uma queda acumulada de 43% no grupo dos mais pobres neste período. Ao mesmo tempo, a classe AB, que representa o grupo com renda domiciliar mais elevada (superior a R\$ 4.807,00), ganhou 6 milhões de pessoas. A classe C (renda familiar entre R\$ 1.115,00 e 4.807,00) é a maioria da população e recebeu 25,9 milhões de brasileiros nos últimos cinco anos.

A constatação faz parte de um estudo divulgado ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), com base nos dados de 2008 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), apresentada na semana passada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com o economista da FGV Marcelo Néri, responsável pelo estudo, esse movimento foi puxado principalmente pelas políticas de transferência de renda do governo federal, como

o Bolsa-Família, que traz como impacto direto a melhoria na renda do brasileiro pertencente à camada mais baixa. Ele acredita que as transferências de renda no momento atual de crise podem contribuir para a retomada da economia.

"Se eu reajusto o Bolsa-Família, a grande beneficiária é a classe E. Se eu aumento o salário mínimo, por exemplo, quem mais ganha é a classe D. Já se faço reajuste das aposentadorias acima do [salário] mínimo quem ganha mais é a classe AB", diz Néri. "Por isso defendo mais reajustes transitórios ao Bolsa-Família do que reajustes permanentes ao mínimo e muito menos ganhos de pensões acima do mínimo, que não beneficiam nem a classe média brasileira".

Para ele, as políticas de renda têm impacto totalmente diferente em termos de desigualdade e de pobreza e na situação atual têm efeito diferente sobre a demanda. "O pobre consome toda a renda dele e, neste momento em que a gente está precisando de um ataque contra a crise, eu diria que o Pelé é o mercado interno e o seu companheiro de ataque é o Tostão do Bolsa-Família. Essa é a dupla efi-

ciente que está permitindo ao Brasil sair da crise ou não ter entrado tanto nela", diz.

Néri destacou, ainda, que desde 2001 o Brasil vive um processo de redução da desigualdade. Neste período, a renda per capita dos 10% mais pobres da população subiu 72%, enquanto a dos 10% mais ricos cresceu, aproximadamente, 11%. De acordo com o economista, essa melhora no indicador foi impulsionado principalmente pela renda do trabalho. "Acho que essa redução de desigualdade foi a grande conquista da década. O fato de ser puxada em cerca de dois terços pela renda do trabalho significa que o brasileiro está gerando sua própria renda. O que temos observado é um boom no mercado de trabalho", ressaltou Néri. Segundo ele, os programas sociais ou aposentadorias foram responsáveis pelos outros um terço do movimento.

Futuro

O potencial de geração de renda familiar, que engloba a inserção produtiva e o nível educacional dos membros de uma família e o uso de tecnologia de informação, subiu 28% entre os anos de 2003 e 2008, enquanto o

potencial de consumo, no mesmo período, aumentou 14,98%. A constatação também faz parte do estudo da FGV, com base nos dados da Pnad, divulgada na semana passada pelo IBGE. De acordo com o economista da FGV, Marcelo Néri, responsável pelo estudo, os números revelam que o brasileiro pode estar investindo mais no futuro, em vez de apenas gastar seus recursos com consumo.

"Talvez isso reflita o fato de que o brasileiro está se tornando mais formiga e menos cigarra. A década de 90 foi o império do consumidor e o inferno do produtor, mas foi uma década em que se plantou coisas. O brasileiro colocou as crianças na escola, investiu em educação dos chefes de família e isso permitiu que ele colhesse esses resultados favoráveis hoje", disse. Néri destacou, ainda, que esse cenário construído ao longo dos últimos anos foi importante para ajudar o país a sair mais rapidamente da crise financeira internacional e garantir a sustentabilidade das conquistas. "Nos últimos 15 anos, o brasileiro conquistou muita coisa, inclusive a tecnologia de como conviver com a crise, investindo em educação".